

me tornará estranho como se tivesse sido obra de um outro, creio poder compreender, e em certa medida desculpar, a desconfiança com que foi acolhida de diversos lados». É uma obra que ele sabe plena de significado e que é reduzida por outros a «uma forma vazia de sentido». Mas é que esse sentido «encontra-se incluído e como comprimido no interior do sistema».

Maria Laura de Araújo

GEETS C. — «MELANIE KLEIN» — ED. UNIV.,
PARIS, 1971

Embora para os especialistas da Psicologia Genética a avaliação científica e exaustiva da vida intelectual esteja ainda longe de atingir o seu termo, a afectividade permanece constante, nos seus esquemas, como energética das condutas.

Felizmente para a psicologia, Freud viveu o suficiente para criar um sistema explicativo do psiquismo humano, que, pelo facto de ser simultâneamente «modelo e visão do mundo», é também fonte de controvérsia.

Em sentido estritamente psicológico, tal sistema assenta na importância irredutível da «líbido» e do ponto de vista da dinâmica da personalidade, Freud faz do complexo de Édipo o conflito que determina a passagem da infância a fases seguintes de desenvolvimento, situando-o ao nível dos estádios sádico-oral e sádico-anal, como expõe nos seus «Trois essais sur la théorie de la sexualité».

Interessa-nos pôr em relevo este ângulo da teoria freudiana, dado que ele continua a funcionar como elemento base em Anne Freud e Melanie Klein (1882-1960). E desta última pretendemos tratar a propósito do livro publicado no ano corrente pela colecção Psychothèque, Éditions Universitaires, dirigida por Michel Palmier, da autoria de Claude Geets. De origem e formação belgas, Claude Geets é assistente de Filosofia da Universidade Católica de Mons e publicou já na mesma colecção «Psychanalyse et morale sexuelle».

A nossa escolha em relação ao livro de Claude Geets deve-se sobretudo, a dois factores, o primeiro dos quais consiste em justificarmos o nosso interesse pela obra de

Melanie Klein, cujo sistema corresponde em relação à dinâmica da personalidade, à necessidade explicativa da génese dos fenómenos afectivos e respectivos mecanismos de formação. Implicando um conhecimento profundo da obra de Freud, utilizando uma terminologia mais do que específica, por vezes insólita, senão chocante, tal como a teoria de Freud no seu tempo, é actualmente fonte acesa de controvérsia. Não se levantam contudo dúvidas quanto à intenção genética da sua obra nem ao valor positivo do que quarenta anos de prática analítica permitiram de esclarecimento parcelar sobre a afectividade. O segundo factor diz respeito à acessibilidade que Claude Geets proporciona tentando divulgar um sistema complexo, objectivo que não conseguimos apurar se inteiramente atingido, mas que, de qualquer modo, facilita uma primeira tomada de contacto com o pensamento de Melanie Klein.

Apesar do nosso interesse e dos factores referidos, não pretendemos fazer uma análise do que nos transmite Claude Geets para não cairmos na situação de analisar um conteúdo já sumariado, não obstante a qualidade intrínseca da síntese realizada por aquele especialista, pretendendo apenas, através do seu livro, destacar do pensamento de Melanie Klein, os elementos mais salientes e informadores de uma linha evolutiva do desenvolvimento global da personalidade.

Na introdução do seu livro, Claude Geets expõe tão claro quanto possível, dadas as complexidades e implicações do assunto a que não é alheia a própria actualidade do mesmo, a sua intenção inédita: salientar do contributo de Melanie Klein o que nele aparece como contexto original relativamente ao pensamento freudiano, e que, na opinião do autor, é objecto de discussão pelo hábito de Freud ser normalmente interpretado como um todo indivisível pelos seus adeptos, enquanto que Melanie Klein tenta integrar questões que se mantêm para os psicanalistas ortodoxos como perguntas sem resposta numa perspectiva de sistema «sem fenómenos isolados nem lacunas». E isto de tal modo, que a própria infância, para Freud «une ère obscure...» nos primeiros meses de vida, é representada por Melanie Klein como um mundo povoado de fantasmas, tão signifi-

cativamente vivos quão irracionais, cuja dinâmica base, coerente e susceptível de ser analisada, se torna imprescindível ao estudo do psiquismo humano.

Mais do que uma introdução, é este capítulo uma síntese das linhas gerais da obra e uma chamada de atenção para as características das críticas normalmente feitas a Melanie Klein, fundamentalmente de dois tipos: as dos psicanalistas, que põem em dúvida a sua fidelidade à obra de Freud por razões genéricas de não ortodoxia, e as que põem concretamente em questão certos princípios que poderíamos pensar de carácter deontológico. Para Anne Freud, por exemplo, à psicanálise infantil, fundamentalmente utilizada por Melanie Klein, faltam aspectos essenciais que são condições «sine qua non» na psicanálise dos adultos, tais como: a consciência de estar em análise e o desejo de «cura» através da mesma. A tal objecção responde Melanie Klein no seu antigo «Les principes psychologiques de l'analyse des jeunes enfants» (1926) e no «Colloque sur l'analyse des enfants» (1926 a 1927) com considerações sistematizadas sobre a actividade lúdica, particularmente sobre o jogo como instrumento insubstituível da técnica analítica utilizada com crianças. Na base da comunicação verbal, o contacto seria pobre, e, carecendo de motivação consciente, a análise infantil estaria incompleta, se através da acção, não simplesmente meio de expressão representativo, mas processo carregado de todos os outros elementos de elaboração onírica, não fosse possível atingir o sentido latente dos conteúdos manifestos do comportamento infantil.

Em situação analítica, permitindo à criança a possibilidade quer de abreacção afectiva quer de elaboração fantasmática, é possível ultrapassar vivências dolorosas encontrando, através do jogo, felizes desfechos. Essa capacidade, aliás, permite distinguir o caso da criança simplesmente problematizada dos casos mais graves em que esta não chega a dominar a sua própria relação com o real, real que se mantém, nesses casos, dependente da fantasmatização.

Dessa sobrevalorização do jogo e da sua observação conclui Melanie Klein da «precocidade» dos sentimentos de culpa, conclusão amplamente desenvolvida em toda a sua

obra e significativa de um superego infantil, o que prova que «dès un âge très tendre, les tendances oedipiennes sont déjà à l'oeuvre et influencent en profondeur le comportement du jeune enfant»¹.

Pretendendo a análise traduzir os fantasmas infantis e funcionando estes como vias de descarga da culpabilidade, é de considerar que um recalque excessivo ou a inibição dos mesmos possa empobrecer os conteúdos intelectuais e consequente rendimento escolar em sectores específicos tais como o desenho, a leitura e a escrita, e não só os conteúdos intelectuais como as potencialidades a desenvolver nas relações com o meio.

Actividade lúdica carregada de significado simbólico, inibição, «medo de castração», angústia² como determinante do carácter positivo e negativo do «transfert», são outras tantas características da psicanálise infantil a partir das quais se conclui, repetimos, da existência da forte culpabilidade e superego precocemente estruturado. Tais conclusões constituem os primeiros marcos do sistema kleiniano esboçados na primeira parte do livro de Claude Geets intitulado «O jogo como expressão do inconsciente». Eles vão fundamentar os primeiros estádios do conflito edipiano exposto na segunda parte. Como já referimos, o conflito edipiano para Freud determina pelas suas soluções a evolução psicológica da criança e a sua passagem ao estado adulto. Assim, desde que, entre os três e os cinco anos a criança se apercebe, ainda que parcelarmente, do significado do pai, relativamente à mãe, este passa aos seus olhos a ser o símbolo da força e o opositor, com o qual se estabelecerão relações específicas.

Considerada esta posição «clássica», Melanie Klein apresenta a «aparição precoce» do conflito edipiano simbioticamente vivenciado. E deste modo a angústia e culpabilidade inerentes surgem a par das primeiras manifestações das expressões orais e anais, pressupondo-se que os primeiros estádios de desenvolvimento libidinal não podem ser apre-

¹ Claude Geets, *Melanie Klein*, pág. 34.

² *Angústia* — resposta do eu à pulsão da morte; quando desviada pode tomar as seguintes formas: angústia paranoide, angústia depressiva, angústia de castração (Hanna Ségál, *Introduction à l'oeuvre de Melanie Klein*).

dados em *sucessão* mas por interpretação recíproca. Esta interpretação torna-se compreensiva uma vez que as tendências genitais são activas no início da primeira infância, conquanto manifestadas oralmente e fortemente relacionadas «à des désirs et à des phantasmes anaux et urethraux...», fantasmas cujo papel na constituição das relações objectais é decisiva. De resto, aquela precocidade referida por Melanie Klein aparece no sentido que Freud refere como prematuração fundamental da situação infantil: os conflitos da infância são sempre desajustados em relação às suas possibilidades dado que a criança deve levar a cabo a tarefa gigantesca de «s'assurer une unité fonctionnelle et une maîtrise de son corps que la vie intra-utérine ne lui a pas garanties»³. Assim, para Melanie Klein o conflito edipiano não é o ponto de partida mas o culminar de um longo processo cujos primeiros passos foram dados nas vivências iniciais da organização libidinal⁴, situadas do meio do primeiro ano de vida até ao fim do terceiro ano, período durante o qual as dificuldades de adaptação são em geral desapercibidas pelos adultos que as rodeiam, mas em que a «culpabilidade» como traço dominante está latente e é presente nos terrores nocturnos, nas suas dificuldades alimentares, na sua incapacidade de suportar as frustrações, etc...

Todas estas manifestações afectam a relação maternal da qual a criança recebe as primeiras gratificações sob a forma de satisfação oral, e as primeiras frustrações sob as formas de controle dessa mesma gratificação e das primeiras adaptações traduzidas pela iniciação aos hábitos de limpeza. Na medida em que tais actuações podem ser vivenciadas como «privação do amor», os laços da forte ligação

³ *Op. cit.* por C. Geets — J.-B. Pontalis, *Nos débuts dans la vie selon Melanie Klein* dans *Après Freud*. Ed. Julliard, Paris, 1965, pág. 125.

⁴ Desenvolvimento pré-genital:

L í b í d o		Pulsões destrutivas
Estádio oral de sucção	Prazer de sucção	«Sucer à mort, vider»
Estádio sádico oral	Prazer de morder	Devorar
Estádio anal 1.ª etapa	Prazer de expulsar	Destruir
Estádio anal 2.ª etapa	Prazer de reter	Controlar, dominar

Inicial sofrem alterações que se traduzem diferentemente em função dos sexos: busca do pai como objecto de amor pelo sexo feminino; idêntica busca pelo sexo masculino, ressentida com maior ambivalência dado que, se por um lado há uma procura do pai para se furtar às frustrações provocadas pela figura materna, por outro lado, o seu desejo pela mãe é estimulado como objecto de amor genital, fase que inicia. De qualquer modo, sexos masculino e feminino, segundo Melanie Klein e na idade acima referida, vivenciam a figura paterna como elemento desejado — «phase de féminité» posteriormente ultrapassada em evolução normal.

A fase oral — caracterizada por ingestão dos alimentos — com o objectivo da «incorporação do objecto» preparando a «identificação» futura, Freud fez seguir a fase anal com o dualismo — passivo, activo — distintamente caracterizado, dado que as funções anais e uretrais são com efeito vividas pela criança como meio de obter satisfação — prazer de «controlar» —, e como meio de se medir com o exterior, exercendo pressão sobre ele através de tais funções.

Karl Abraham, discípulo de Freud e mestre de Melanie Klein, considera que numa etape precoce do desenvolvimento infantil se opera uma conjunção estreita entre oposições internas, tais como o erotismo anal e as pulsões sádicas (expulsão e retenção), traduzindo-se em relação ao meio por oposição do mesmo tipo, e dando origem à ambivalência afectiva que se elabora nesta fase segundo a alternativa da apropriação e da expulsão, quer dizer da «dominação» do objecto e destruição do objecto. Destes pressupostos e da sua evolução, conclui Karl Abraham implicações psicopatológicas a nível da neurose e da psicose e sobretudo dos estados de melancolia. Conclui ainda de oposição análoga na própria fase oral, testemunhada pelo facto de a mordedura (concomitante com o aparecimento dos primeiros dentes) se seguir à sucção exprimindo pulsões sádicas.

Por sua vez, de tais dados, infere Melanie Klein:

1.º — Existe estreita solidariedade entre as tendências libidinais e pulsões destruidoras, dependentes do desenvol-

vimento fisiológico, acompanhando estas últimas de modo particularmente intenso todo o conflito edípiano.

2.º — As dificuldades resultantes de situações frustrantes no período de sucção, que podem não se manifestar exteriormente, e que tanto podem resultar da carência como do excesso, são sobretudo fruto, desde o início, do conflito entre o instinto de morte e a libido, manifestando-se por um sadismo oral anormalmente desenvolvido, anterior às próprias frustrações vividas.

Esta dualidade pulsional, e sobremaneira a pulsão da morte — que Freud conclui do automatismo repetitivo de certos fenómenos —, explica, até certo ponto, a agressividade, a ambivalência, o sadismo e o masoquismo raras vezes observáveis em toda a sua pureza, mas subjacentes a variadas formas de comportamento. Pouco utilizada dinamicamente por aquele pensador, a pulsão da morte constitui para Melanie Klein o nó dos conflitos infantis, possuindo carácter fortemente dinâmico e funcional. Por conseguinte, não será como propunha Freud a insatisfação libidinal a primeira fonte de angústia, mas a agressividade presente aos primeiros mecanismos de defesa, pelo facto de o primeiro grande temor ser o da destruição. As insatisfações libidinais reforçarão a angústia, mas é o instinto de morte «le premier déterminant de l'angoisse» pois é «à l'intérieur de l'individu, l'expression d'une extériorité qui le nie radicalement dans son effort pour s'assurer une cohésion»⁵. Daí a necessidade organizante de uma série de mecanismos mobilizando a libido de maneira narcísica, no exterior. Todos os medos interiores são então parcelarmente descarregados no exterior por projecção e por transformação da agressividade, bases das relações objectais e da formação do EU, inorgânico nos primeiros anos de vida para Freud, mas tendendo desde o início para a integração segundo Melanie Klein. O seio da mãe, primeira fonte da satisfação, é também o primeiro suporte em relação ao qual se referem as projecções hostis da criança, que por

⁵ *Op. cit.* por C. Geets — J.-B. Pontalis, *Nos débuts dans la vie selon Melanie Klein* dans *Après Freud*, Ed. Julliard, Paris, 1965.

mecanismos complexos, a análise dos seus fantasmas permite observar. À medida que são vividas as primeiras frustrações, os desejos de agressão, sob várias formas, ultrapassam a pessoa da mãe conquanto a ela sejam reportadas as «formas» de relação com pessoas ou objectos. Progressivamente, ao corpo maternal (realidade com a qual a criança contacta e objecto da sua curiosidade), e ao interior daquele corpo (inacessível), são referenciados imaginariamente todos os seus centros de interesse, originando-se, neste processo, as primeiras identificações simbólicas. E mais uma vez, o interesse libidinal nos aparece a par da angústia, como origem dos mecanismos, pelos quais a capacidade de identificação se estrutura.

O conflito edipiano eclode na fase anal, tal como as primeiras defesas contra as tendências destrutivas e hostis; é à medida que o sadismo pré-genital cede à libido genital que estas defesas se orientarão contra as pulsões libidinais. Conquanto advento da genitalidade, o Édipo é ainda vivido sob a égide de desejos e fantasmas pré-genitais. Frustrada oralmente, como já se disse, a rapariguinha procura «satisfação», no pai, das suas pulsões orais e genitais, não obstante, pelo estágio de desenvolvimento em que se encontra, continuar ligada à mãe. Por razões idênticas, procura o rapaz as mesmas satisfações no pai, busca perturbada pelo interesse despertado pela figura materna, dada a sua genitalidade incipiente. Assim, a relação da criança com os pais reais é também relação com os seus objectos imaginários, que muito cedo, desde o nascimento, foram «introjectados». Assim, também, a formação de um super ego a partir dos «... tableaux imaginaires des objects réels: de telles images parentales, élaborées certes au contact des parents réels, mais profondément déformées en fonction d'une interprétation persécutive née de la projection, donnent au surmoi infantile un aspect fantastique et irréel, et la font percevoir comme une menace constante de destruction dirigée contre son propre corps».

Ao mesmo tempo é elaborada uma espécie de expulsão projectiva através da qual a criança projecta tudo o que faz perigar o seu EU, inclusive o super ego nascente. Mecan-

nismos de defesa, podendo-se traduzir pelo recalque (defesa e recalque que Freud igualou), constroem-se nestas primeiras situações fortemente marcadas pela analidade. Verificamos, portanto, e tal como Freud, que projecção e introjecção são dirigidas contra o sadismo implícito às pulsões pregenitais.

Dado que as relações que a criança estabelece com o mundo se fazem através da «projecção» e «introjecção», precedidos pela «absorção» e «rejeição», qualquer um destes dois processos é fundamental para a organização do EU. À medida que a libido permite ultrapassar a fase anal e a angústia inerente, assiste-se à identificação progressiva de objectos internos e pessoas reais. A não verificação de tal facto, um Édipo inicial fortemente carregado de fantasmas hostis e perseguidores com a culpabilidade inerente, um super ego fixado a estádios arcaicos de desenvolvimento, estão na base de personalidades delinquentes e psicóticas.

Tal conclusão compreende-se facilmente se aceitarmos que é da interacção — projectar fantasmas hostis, introjectar traços gratificantes — que se faz a aproximação progressiva do contacto real com o mundo real. Qualquer interrupção sob a forma de fixação, origina necessariamente desequilíbrios mais ou menos marcados da dinâmica da personalidade.

Naquela linha, o desenvolvimento psíquico progride no sentido de organização de defesas que, quanto mais elaboradas em sentido positivo, queremos dizer quanto mais permeáveis, mais facilmente são integráveis nas organizações sucessivas do EU.

Assim nas duas primeiras partes do livro, Claude Geets põe em relevo as particularidades através das quais Melanie Klein permenoriza ou se afasta do pensamento freudiano. Na terceira parte, «La position paranoïde et la position depressive», entramos em contacto com diferenças fundamentais, que são simultaneamente elementos importantes da elaboração dos sistemas, através da análise das publicações «La psychanalyse des enfants» (1932) e «Contribution à l'étude de la psycho-génèse des états maniaco-dépressifs» (1934). Este último trabalho aborda pela primeira vez as etapas do desenvolvimento e maturação infantis usando o

termo — posição — para designar «d'ensembles spécifiques d'angoisses et de défenses qui se manifestent à plusieurs reprises»⁶. Assim, o estágio oral pode ser considerado subdivisível em: posição paranoide e posição depressiva (por comparação com a paranoia e a psicose maniaco-depressiva encontradas em situações psicóticas nos adultos). Tais posições consideradas como já referimos no sentido da interpretação progressiva, conquanto caracterizem tipos especificados de relações objectais, respectivas angústias e defesas, observam-se em constante «oscilação» regressiva e progressiva e farão parte do desenvolvimento global. Esta mobilidade é um dos fulcros do sistema kleiniano na medida em que constitui o processo base pelo qual elementos dispersos internos e externos se integram sinteticamente, numa dualidade constante entre o instinto da vida e a pulsão da morte.

Na posição paranoide (abrangendo os 3, 4 meses primeiros de vida, pois desde o nascimento a interacção projecção-introjecção intervem no desenvolvimento), por um processo especial de «clivagem» a criança separa, do todo que vai percebendo, através do tónus agradável e desagradável das sensações, o que está ligado ao objecto «bom» com o qual se identifica e o que é vivenciado como «mau», sentido como ameaçador não só à sua segurança como à segurança dos «bons objectos». Nesta fase, tais vivências não dependem de modo algum da realidade, mas da «apreciação fantasmática» resultante das gratificações e frustrações exteriores, e ainda das pulsões quer libidinais quer agressivas da criança. Aqui se gera a idealização do «bom seio», fonte de toda a gratificação, e do «mau seio», tão «voraz» quanto a agressividade e a carga das pulsões libidinais o projectam. Assim, a «idealização» aparece como mecanismo contra os medos das primeiras ameaças. A este mecanismo outros se seguem, procurando dominar a angústia persecutiva, tais como a projecção dos «maus objectos», e a introjecção dos «bons objectos», mecanismos de organização complexa, sempre orientados no sentido de manter

bons e maus objectos afastados. A angústia inerente a tais processos pode ser parcialmente ultrapassada pela relação que a mãe estabelece com a criança, e pela compensação constante das possíveis e necessárias frustrações vividas por esta, através da gratificação significativa do «bom objecto». Dado, no entanto, que o «mau objecto» persiste, tais gratificações não resolvem a situação. Outros mecanismos, como «le controle tout-puissant de l'object» e «la toute-puissance de la pensée» permitem à criança defender-se fantasmaticamente de uma realidade interna, que, sem tais defesas, poderia levar à desintegração das primeiras subestruturas. A medida, porém, que aquela progride em integrações sucessivas, a angústia de ser perseguido dá lugar à angústia depressiva, própria da «posição depressiva», caracterizada pela percepção da mãe como pessoa total, e, conseqüentemente, pelo aparecimento de relações objectais mais evoluídas. Corresponde, além disso, à posição central do desenvolvimento infantil, segundo Melanie Klein, pois «d'une relation à un object partiel on passe à la relation avec un object complet». Desaparecido, após a posição paranoide, o processo de clivagem, a mãe aparece então como a mesma totalidade que frustra e gratifica; que, se existe como um todo de que não se faz parte, também pode ser perdido como todo, decorrendo estes acontecimentos ainda em fase oral sádica, fortemente carregada de elementos agressivos em que amar, medo de destruir e de perder o objecto amado se mantêm interligados. O medo de perder o objecto amado dificulta a reparação e a sublimação, considerada esta no sentido de superação específica de oposições internas; por outro lado, observam-se então as primeiras elaborações de sentimentos tais como o remorso e a tristeza conseqüentes dos elementos agressivos inerentes à fase depressiva, e das primeiras percepções totais.

Para além das implicações de foro psicopatológico cujas comparações de processos poderiam fazer pensar em identidade, surge a hipótese de uma continuidade genética entre as «posições» da infância e a patologia do adulto, conclusão cuja fecundidade é incalculável, inclusive no que se refere à noção da normalidade psíquica. Realmente numa evolução

⁶ *La psychanalyse des enfants*, préface à la 3.ème éd. anglaise (1948).

normal, a criança defende-se da realidade através do fantasma, quando este funciona como elemento suficientemente permeável para lhe permitir organizar as defesas adequadas e necessárias. O reconhecimento do objecto de amor fora de si como totalidade que pode ser perdida, leva à nostalgia que a perda real pode reactivar, acompanhada com todo o seu complexo de sentimentos característicos da posição depressiva. Nem sempre este «luto» é isento de um certo risco de alienação, se se considerarem a agressividade e culpabilidade intrínsecas. É, no entanto, através destas lutas e das respectivas actividade reparadoras que a criança evolui da relação com a mãe, para a relação com o pai, e haverá ainda um longo caminho a percorrer até que esteja capaz de deixar de sentir os pais como objectos de amor exclusivos.

Na quarta e última parte Claude Geets refere o fantasma como um dos traços mais importantes do sistema kleiniano. O autor distingue inicialmente os significados e termos de «phantasme» (phantasy) e «fantasme» (fantasy), referindo-se à importância do conceito «phantasme» na psicanálise, e acabando por afirmar que, para os kleinianos, «phantasme» diz respeito ao conteúdo psíquico inconsciente, nunca percebido através de actuações conscientes, mas deduzido pela observação, analítica, como elemento tão importante na psicologia infantil como na dos adultos, no psiquismo normal como anormal.

O fantasma é ainda a expressão psíquica do ÇA de Freud, quer dizer, «le contenu primaire des processus psychiques inconscients». Mas, fluído, depende dos estímulos externos, da carga das pulsões e dos períodos de desenvolvimento. Existe segundo as situações, bipartindo-se, encontrando-se, multiplicando-se. Criado a partir de experiências fisicamente vividas, constitui o núcleo das impressões subjectivas. Anterior à linguagem, diz sobretudo respeito ao sentir. Fruto da realidade interna e da experiência, pode exprimir-se por processos corporais diferentes de qualquer outra forma de expressão.

A sua relação com os mecanismos defensivos através dos quais surge, é difícil de delimitar, pois «en même temps qu'il prète au désir pulsionnel son expression, il lui rend

également présent l'objet propre à le satisfaire»⁷. Estruturalmente dinâmico, todas as dificuldades da infância são ultrapassadas ou não consoante a sua textura permite ou não estabelecer a ponte entre uma realidade interna e externa. Essencialmente inconsciente (distinto de conteúdos imaginativos e preconscientes — distinção ausente em Freud) no fantasma de Melanie Klein se integram a actividade inconsciente e as pulsões, integração que é objecto de críticas vivas, dadas as implicações, denunciadas por Glover em 1945, de carácter metapsicológico.

Não obstante a caracterização do fantasma, não nos pareceu, contudo, que Claude Geets pretendesse analisar ou criticar este tema com profundidade, o que é compreensível, dadas as características gerais do seu livro, que pretende, sobretudo, chamar a atenção para o que existe de inovador em Melanie Klein, para além da crença total desta em Freud, expressa no diálogo constante mantido com outros adeptos e inovadores tais como Karl Abraham e Ferenczi.

Do nosso ponto de vista, salientamos também o que nos parece ser significativo de um passo em frente no conhecimento da evolução psíquica. Não estamos aptos à crítica do sistema, que terá certamente os seus pontos frágeis, na ânsia de tudo resolver e explicar. Menos aptos estamos portanto, à discussão de todas as suas implicações. Interessamo-nos, apesar de tudo, um tanto ousadamente concluir que:

a) Como todo o ser vivo predisposto à evolução, são observáveis no ser humano, desde o início, para além das actividades globais espontâneas a nível fisiológico e cognitivo, tipos específicos de mobilização a nível afectivo, significativos da dinamização posterior.

b) O EU, de formação complexa, inicia esta através de organizações progressivamente integradas, mostrando-se capaz de «fabricar» defesas e aparecendo-nos, assim, ao nível da primeira infância, menos frágil do que até aqui se poderia supor.

⁷ Pág. 144.

c) Do ponto de vista da dinâmica afectiva, em substituição da insatisfação libidinal proposta por Freud como origem de todos os conflitos internos e externos, pode sugerir-se a pulsão da morte, evolutivamente anterior àquela e determinante não só das primeiras angústias como dos primeiros mecanismos de defesa. A originalidade de tal posição está no facto de aparecer como síntese de casos observados, podendo assim constituir uma hipótese a considerar de notável alcance para a psicologia moderna.

Abstivemo-nos, nesta sùmula, quanto às origens histórico-culturais do sistema kleiniano que Claude Geets refere, assim como à exposição ordenada das obras de Melanie Klein e consequentes discussões. Procurámos realmente, e sobretudo, pôr em relevo os traços dominantes do pensamento de Melanie Klein, considerando a utilidade da sua discussão.

Maria Isolina Pinto Borges

SAMUELS, Michael Anthony — *Education in Angola, 1878-1914, A History of Culture Transfer and Administration*, Teachers College, Columbia University, New York.

Foi Emílio Durkheim, o grande sociólogo e pedagogo francês que afirmou ser a história da educação e, sobretudo, a história da educação nacional, a primeira das propedêuticas pedagógicas. Mas, apesar do nosso pendor historicista ainda existem muitos capítulos da evolução da sociedade e das instituições portuguesas que não merecem o interesse dos estudiosos. Entre eles avulta a história do ensino, com as suas múltiplas implicações culturais e sociais. E, se já no espaço português da Europa não abundam as monografias sobre este ramo dos estudos pedagógicos, ainda se tornam mais raras no que respeita às nossas extensões ultramarinas.

É de evidenciar, pois, que seja um universitário americano, um jovem especialmente preparado para esta matéria, profundamente conhecedor do nosso país e da nossa língua, que tenha sido tentado pela história da educação

em Angola, nos fins do século passado e no actual século, período mal conhecido por demasiadamente próximo de nós.

No subtítulo do livro acima citado, que podemos traduzir como «História da Transposição da Cultura e da Administração», está perfeitamente definido o objectivo da tese (trata-se de uma tese apresentada à Universidade de Columbia, em Nova Iorque).

Teve o autor a noção bem clara que as estruturas educativas portuguesas em Angola não são mais do que o reflexo, a aplicação e o condicionamento daquelas existentes na Metrópole. «O desenvolvimento da educação africana reflecte o contexto da educação portuguesa» — afirma ele justamente.

Nos oito capítulos do volume, documentado em exaustiva bibliografia e em peças de arquivo, o autor resume a história da colonização lusitana em Angola; define o conteúdo do sistema de ensino da Metrópole transplantado para o Ultramar; expõe todas as tentativas para difundir a Instrução na Província; trata longamente da evangelização e dos processos de ensino promovidos tanto pelas Missões Católicas